

LINHAS DE FUGA

por ERIK DE CASTRO*

Amado Brasil vagabundo - e seus mafagafes

Eu amo o Brasil. Eu vivo, eu morro - Brasil! Nossa pátria. Nossa mãe nada - nunca - gentil. Nos achacalha, nos maltrata. Nos vilipendia. É daquela figura nefasta parental que deixa mais sequelas e maldosas marcas profundas, do que as boas lembranças que o bom pai ou a boa mãe teriam a obrigação de legar a seus filhos e filhas.

Acompanhamos, desde sempre, estarecidos, como somos (não) representados por figuras medíocres - em todas as esferas de poder.

Os que chegam ao comando da Nação, em geral - esmagadora maioria - só querem saber de si. E dos seus.

Vagabundos errantes, milionários farsantes que sentem que somos e merecemos ser tratados de forma desprezível.

Não somos e não merecemos... Às letras, o contra-ataque: Esse povo se perde na sanha de comprar - e vender - Deus e o Mundo, não importando a ideologia.

Conseguem o Mundo. Mas a Deus não se engana. Pagarão, se não por aqui - tontos que são - no Além...

Cito os versos de bela canção do filósofo/cantor contemporâneo Bruce Springsteen ("Promised Land", de 1978):

"O pobre quer ser rico
O rico quer ser Rei
E o Rei não fica satisfeito
Até que controle tudo."

Em Brasília, quem cresceu e mora aqui sabe, tudo se resolve, literalmente, nas surubas. Políticos e gente de Alto Escalão de todos os setores se reúnem em bailes surubáticos que fariam Calígula corar. Trocam de buraco como quem mete chave em fechaduras... Compartilham de todos os prazeres inacessíveis à plebe nada rude do Brasil. Você não sabe de nada, inocente!! Famílias são destruídas por isso. Eu, nascido em Brasília, sei...

É todo mundo 'traçando' todo mundo - literal e figurativamente. Aqui, a Ética e a Moral só existem do microfone pra fora. Da boca pra dentro, é só naba, enquanto se chamam de "meu irmão" e "minha querida." Qualquer um - de qualquer 'lado' - que abra a boca pra falar a quantidade de asneiras que ouvimos diariamente, tem a ver com os peixes todos...

Ignorância não tem ideologia, nem toga. Une a todos. Nas esferas privada e pública: captadas em clicks estarecedores, tanto a risada coletiva de "bastidores", como o abraço na piscina apartidária - a uns dias atrás - são verdadeiras... A falsidade provavelmente se dá quando divulgam declarações pseudo-sérias.

É impressionante a desfaçatez desses caras, representantes de ambos os lados da mesma moeda vilipendiada e roubada, de nosso Amado Brasil Vagabundo, onde os filhos e seus pais poderosos - nas 3 esferas de Poder - unem-se na Capital Federal da

República Surubativa do Brasil enquanto a população estupefata - e trabalhadora - observa o próximo movimento do xadrez desarrazoado e funesto que se desenvolve a frente de seus olhos...

O Brasil é um país de mafagafes e mafagafinhos, proseou José Candido de Carvalho. Confuso, malandro, escuso, de troca de favores... Em todos os setores.

Toma vergonha na tua cara, Brasil!!!

Competência, nós temos.

Mas no país também do "...tá todo mundo envolvido" - como consta em meu thriller policial 'Amado' - tudo é possível.

Não podemos carregar a culpa da omissão, a cumplicidade com a estagnação:

Resta pairarmos, como nação, acima da mediocridade ideológica dos extremos políticos e do lodaçal da corrupção...

Talvez daqui a uns 200 anos.

Se o Planeta ainda estiver vivo até lá.

***Cineasta**

Eduarda Estrela/Divulgação



O espetáculo conduz o público por uma experiência sensorial em que música, dança, teatro e capoeira dialogam para contar a história de resistência do povo negro.

Capoeira, memória e resistência

‘Gungas, Marimbas e Urucungos em Encantorias Ancestrais’ reúne mais de 50 artistas e jovens quilombolas do Maranhão em apresentação gratuita no Teatro Carlos Gomes

Uma roda de capoeira pode guardar muito mais do que o jogo entre dois corpos. Nela cabem música, religiosidade, memória, celebração e uma história de resistência transmitida entre gerações. É essa dimensão da Capoeira Angola que “Gungas, Marimbas e Urucungos em Encantorias Ancestrais” leva ao palco do Teatro Carlos Gomes nesta quarta-feira (9), às 19h30, com entrada gratuita.

A apresentação encerra no Rio uma turnê que passou por Parnaíba (PI), São Luís e Itapecuru-Mirim (MA) e Belém. Mais de 50 artistas, entre capoeiristas, músicos, atores e bailarinos, participam da montagem, que tem como protagonistas jovens de comunidades quilombolas maranhenses.

Eles vêm de Vila da Fé em Deus, em Santa Rita, e de Santa Luzia, Santa Joana, Santa Rosa e Oiteiro dos Nogueiras, em Itapecuru-Mirim. No palco, compartilham experiências que aproximam a Capoeira Angola de manifestações como tambor de crioula, bumba meu boi e samba.

Dividido em oito atos, o espetáculo utiliza música, dança, teatro e capoeira para percorrer aspectos da trajetória e da resistência da população negra. A Orquestra de Berrimbaus ocupa posição central nessa construção, acompanhada por tambores e pandeirão. Mais do que elemento musical, o berimbau funciona como condutor de uma narrativa em que ancestralidade e experiência contemporânea caminham juntas.

“A felicidade é enorme por ver esses jovens sendo protagonistas, não apenas apreciando a cultura, mas sendo verdadeiros fazedores de cultura”

MESTRE BAMBA

A montagem é resultado do trabalho do Centro Cultural e Educacional Mandingueiros do Amanhã, instituição criada há 29 anos em São Luís e que, na última década, ampliou sua atuação para comunidades quilombolas. Oficinas de capoeira, música e dança passaram a aproximar crianças e jovens de manifestações culturais afro-brasileiras.

Fundador da instituição e diretor artístico do espetáculo, Mestre Bamba vê a chegada desses jovens aos palcos de diferentes estados como resultado de um projeto iniciado ainda em 1997. “A felicidade é enorme por ver esses jovens sendo protagonistas, não apenas apreciando a cultura, mas sendo verdadeiros fazedores de cultura. Levar a Capoeira Angola e a cultura do Maranhão para outros estados é a realização de um sonho que cultivamos desde 1997”, afirma.

É justamente na passagem da condição de aprendiz para a de protagonista que a turnê ganha outro significado. A cultura transmitida dentro das comunidades passa a circular pelo país pelas mãos — e pelos corpos — de uma geração que também encontra nela possibilidades de transformação pessoal. Josielma da Conceição Rodrigues, de 21 anos, é um desses exemplos. Moradora do Quilombo Santa Joana, em Itapecuru-Mirim, ela associa diretamente a capoeira às mudanças em sua trajetória. “A turnê abre novos caminhos para nós, jovens quilombolas, valorizando nossa cultura e nossas raízes. Foi a capoeira que transformou a minha vida e me motivou a conquistar oportunidades, como entrar na Universidade Federal do Maranhão”, conta.

787

787

SERVIÇO
GUNGAS, MARIMBAS E URUGUNGOS EM ENCANTORIAS ANCESTRAIS
Teatro Carlos Gomes (Praça Tiradentes s/nº - Centro)
9/9, às 19h30
Grátis, com reserva de ingressos no portal Sympla